

Valdir do Nascimento Flores

valdirnf@yahoo.com.br

Sobre “A unidade da lingüística”, sobre a lingüística e sobre o lingüista

On “The unity of linguistics”, on linguistics and the linguist

RESUMO – Este artigo comenta a publicação da versão brasileira do texto “A unidade da lingüística” de Dominique Maingueneau divulgada nesta edição da Revista *Calidoscópico*. São destacados aspectos relativos à discussão em torno da lingüística como ciência e aspectos relativos ao fazer do lingüista.

ABSTRACT – This article comments on the publication of the Brazilian version of Dominique Maingueneau’s text “The unity of Linguistics”, released in this edition of *Calidoscópico*. Aspects related to the discussion of Linguistics as a science and to the work of the linguist are highlighted.

Palavras-chave: epistemologia da lingüística, língua, discurso.

Key words: linguistics epistemology, language, discourse.

Não é comum pospor-se comentários a textos publicados em revistas. Normalmente, as informações referentes aos artigos integrantes de uma revista e a seus respectivos autores são dadas pela editoria responsável, em texto de apresentação geral da revista.

A pergunta que cabe, então, é: a que se deve esta espécie de posfácio ao texto *A unidade da lingüística* de Dominique Maingueneau? Eu diria que sua presença tem o sentido de uma glosa explicativa. Em outras palavras, interessa-me falar, aqui, menos sobre o conteúdo do texto, o seu enunciado, e mais sobre o fato de o texto estar vindo novamente a público neste momento, sua enunciação.

Antes, porém, vale retomar alguns aspectos da história de divulgação desse texto. Uma versão preliminar de *A unidade da lingüística* fora publicada, originalmente, na França, na revista D.R.L.A.V, tendo recebido, no Brasil, publicação (revista e ampliada) em 1990, na Revista D.E.L.T.A. Note-se, porém, que ambas as publicações ocorreram em francês. A revista *Calidoscópico* apresenta, agora, quase 20 anos após a primeira publicação no Brasil, sua tradução para o português.

Pois bem, a que se deve essa ratificação? Ora, penso que a publicação da versão atual pode ser vista sob dois ângulos, ao menos. O primeiro diz respeito à atualidade do procedimento teórico-conceitual adotado por Maingueneau; o segundo diz respeito aos horizontes delineados pelo exame epistemológico que o texto coloca em relevo.

Passemos ao primeiro aspecto.

Como bem lembra Dominique Maingueneau, foi Ferdinand de Saussure, ao menos na versão que é dada de suas idéias no *Curso de lingüística geral* (CLG), quem se ocupou – de forma muito perspicaz, em minha opinião – da relação entre o campo da lingüística e o da exterioridade. No capítulo 4 da *Introdução do CLG*, “Lingüística da língua e lingüística da fala”, Saussure afirma que “Com outorgar a

ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Lingüística” (Saussure, 1975, p. 26). E continua: “Todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Lingüística encontram seu lugar natural” (Saussure, 1975, p. 26). Para ele, “... a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade” (Saussure, 1975, p. 26).

Saussure considera que a atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente têm lugar na lingüística pela relação que mantêm com a língua. Por isso que o estudo da linguagem é dividido em duas partes: a primeira, cujo objeto é a língua; a segunda, cujo objeto é a parte individual, a fala. Conforme Saussure, “Cumpra escolher entre dois caminhos impossíveis de triilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente” (Saussure, 1975, p. 28).

Desse prisma, continua Saussure, a definição de *língua* implica a eliminação de tudo o que seja estranho ao sistema, ou seja, tudo o que pertence ao que ele chamará, no capítulo seguinte, “Elementos internos e elementos externos da língua”, de a “lingüística externa”.

Dominique Maingueneau, em *A unidade da lingüística*, ao recorrer a Saussure para dar consistência às suas formulações, procede de forma muito atual no pensamento geral da história das idéias lingüísticas, isto é: parte do fundador da lingüística para ver como, por esse ato mesmo, Saussure estabelece um modo de pensar sobre o objeto da lingüística.

E, a esse respeito, Saussure não foi ingênuo. O *CLG* registra que Saussure tinha presentes, para si, de maneira muito clara, as grandes questões que rondavam (e ainda rondam?) a instauração da lingüística como ciência.

Com isso, quero dizer que, se se pode considerar que, de um lado, com a determinação da *lingua* como objeto da lingüística, Ferdinand de Saussure parece trazer paz aos corações aflitos do início do século XX, que clamavam por um objeto tangível e regular; de outro lado, não se pode ignorar que Saussure não desconhecia que a *fala*, ou aquilo que não cabia na definição de *lingua*, problematizava a regularidade do objeto construído.

É isso que está exposto em várias passagens do CLG. Darei apenas um exemplo: o capítulo III da segunda parte, *Identidade, realidade, valores*. Saussure diz:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra Senhores! temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes (cf. fr. pomme, ‘maçã’, e paume, ‘palma’, goutte, ‘gota’ e je goute, ‘eu gosto’, fuir, ‘fugir’, e fouir, ‘cavar’ etc.); ademais, esse sentimento de identidade persiste, se bem que do ponto de vista semântico não haja tampouco identidade absoluta entre um Senhores! e outro [...] (Saussure, 1975, p. 125-126).

Não sem motivo, esta passagem encontra-se em uma parte do *Curso* na qual Saussure se esforça para estabelecer parâmetros de identificação da unidade de análise da lingüística. Ferdinand de Saussure defronta-se aí com um fato fundamental: falamos a mesma língua, mas há algo dela que é específico de quem a fala, logo, irrepetível porque ligado ao tempo da fala.

O fato é que Saussure nomeia uma “lingüística da fala” ao se ocupar da relação entre o campo da lingüística e o da exterioridade, em seu *Curso*, e, como disse acima, impõe a escolha ou do caminho da *lingua*, ou do caminho da *fala*. Essa necessidade de escolha, porém, não impede Saussure de admitir a importância dos estudos da *fala*, pois as relações da língua com a etnologia, com a história política e com as instituições (igreja, escola, etc.) apenas poderiam, segundo ele, ser contempladas pela “Lingüística externa”. Em testemunho disso há o capítulo 5 da *Introdução do CLG, Elementos internos e elementos externos da lingua*. Aliás, nunca é demais lembrar: Saussure confere os *status* de lingüística ao estudo da *fala*, ele o denomina de “lingüística da fala”.

Passemos ao segundo aspecto.

Sem querer reduzir o texto de Maingueneau a uma formulação simplista, acredito que é possível considerar que o autor faz o seguinte movimento epistemológico: ao dizer que “a linguagem não é o

objeto de duas lingüísticas situadas lado a lado, cada uma delas assumindo uma parte dos fenômenos da linguagem, *mas é a lingüística que se desdobra para analisar os ‘mesmos’ fenômenos*” (Maingueneau, 1990, grifos do autor), recorre à noção de *plano* para “distinguir dentro do ‘lingüístico’ um *plano gramatical* e um *plano hipergramatical*” (Maingueneau, 1990, grifos do autor).

Com isso, Maingueneau se exime de justapor duas zonas em uma mesma superfície (o centro por oposição à periferia, por exemplo), ao mesmo tempo em que, com o prefixo *-hiper*, designa um tipo de abordagem que vai *além* “de uma causalidade estritamente lingüística”.

Nessa perspectiva, não é, pois, necessário pensar em duas lingüísticas, mas na mesma lingüística que se transforma para estudar diferentes fenômenos de diferentes pontos de vista: não há um centro (a língua) estudado independentemente do que o cerca; nem há uma periferia. Penso que, nessa configuração epistemológica esboçada por Maingueneau, é o lingüista que é colocado em posição de destaque.

Em minha opinião, esse segundo aspecto do texto de Maingueneau é o que está ainda por ser avaliado na contemporaneidade. Tal aspecto pode receber a forma de uma pergunta, inquietante na sua gênese: afinal, quem é o lingüista?

Como lembra Maingueneau:

[...] a condição do lingüista é complicada. Ele não pode nem aceitar realmente a divisão de seu campo, nem desejar seu fim. Esteja inscrito na abordagem A ou na abordagem A’, ele deve se resignar a compartilhar a lingüística com um outro, que não é nem um semelhante nem um estranho, nem mesmo um verdadeiro concorrente (Maingueneau, 1990).

Ora, creio que uma coisa é certa: está na hora de problematizarmos o lingüista, seu papel, seu fazer, seu saber, seu... É disso que nos fala Maingueneau.

Jean Claude Milner – autor este também lembrado por Maingueneau – intitula o penúltimo capítulo de seu livro *L’amour de La langue de Du linguiste*. Ele começa o capítulo dizendo que “La linguistique en elle-même ne fait pas lien social, elle n’y parvient que dans et par l’Université; en ce sens, il n’y a pas de discours linguistique, mais seulement une spécification du discours universitaire” (Milner, 1978, p. 113)¹. Mais adiante, e em função do que afirma sobre o lingüista, sentencia: “La linguistique, aujourd’hui, n’intéresse plus guère et même ennuie” (Milner, 1978, p. 124)².

Enfim, a atualidade do texto de Maingueneau, principalmente, considerando-se o contexto da lingüística

¹ “A lingüística em si mesma não faz laço social, ela consegue isso apenas na e pela Universidade; nesse sentido, não existe discurso lingüístico, mas somente uma especificação do discurso universitário”.

² “A lingüística, hoje, interessa pouco e mesmo entedia”.

brasileira está nisso: quem é (ou seria melhor dizer *o que é?*) o lingüista?

Sua versão para o português veio em boa hora.

Referências

- MAINGUENEAU, D. 1990. The unity of Linguistics. *Revista D.E.L.T.A.*, 6(2):127-137.
- MILNER, J.-C. 1978. *L'amour de la langue*. Paris, Seuil, 144 p.
- SAUSSURE, F. de. 1975. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 279 p.

Submetido em: 04/11/2008

Aceito em: 12/11/2008

Valdir do Nascimento Flores

Professor associado de Língua Portuguesa

Instituto de Letras da UFRGS e pesquisador CNPq

Porto Alegre, RS, Brasil